



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua do Laranjal, 60-3.º—PORTO

SUCURSAL EM LISBOA  
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Peretra

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mactiel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)  
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)  
Para fora do paiz acresce o importe do selo.

Numero avulso \$01 (10 reis)  
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular

Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone, 737

## VIOLENCIA E RESISTENCIA

Há força e força. Só a força empregada para oprimir, para constringer outro a pensar e a proceder em desacordo com as suas ideias e a sua vontade é que pôde caber o nome de *violência*. Violenta aquele que impõe modos de pensar e de agir fóra da evolução normal de cada indivíduo; tudo aquilo que põe obstáculos á iniciativa individual e ao livre acôrdo. E', por exemplo, cultor e partidário da violência quem, intitulando-se embora revolucionário ou socialista, defende leis, normas impostas a todos os cérebros, por mais diversamente evoluídos que sejam. E' violento o partidário da autoridade, que vive apoiada na violência, combatida unicamente pelos antiautoritários, pelos anarquistas.

Se a violência se opõe a força exigida pela necessidade de conservação, essa força não é senão uma necessária resistência. Se um assassino armado vos assalta disposto a matar-vos e é insusceptível de prestar ouvidos ás boas razões, e se vós, impedindo a vida, o matais ou impossibilitais de ferir, quem ousaria acusar-vos de violência? Os próprios códigos reconhecem o direito de *legítima defesa*, embora com a costumada regulamentação... inaplicável.

Nós dizemos simplesmente: há um meio fácil de acabar com a resistência: é deixar de empregar a violência, sua geradora. Que a opressão cesse, que já a revolta, sua consequência necessária, não terá razão de ser.

No exemplo apontado, se não houvesse resistência, se o agredido, para dar exemplo, quisesse obedecer a um pretendido preceito de moral, o seu acto de resignação e de sacrifício daria um resultado oposto ao desejado: o agressor habituar-se-ia á violência, que se perpetuaria sobre os outros. Na vida do homem como na história da humanidade, observa-se um facto: o hábito de oprimir exerce-se contra os que não opõem resistência. E' á medida que o homem se torna forte, capaz de resistir, que o reinado da violência empalidece e que a moral do respeito mútuo e de solidariedade se desenvolve.

E a existência, no presente estado social, duma agressão, duma violência permanente é incontestável: só não a notam os míopes acostumados a esta ordem de coisas, os interessados (no seu modo de vêr) em que ela se mantenha e os resignados.

A ordem, a evolução pacífica, não existem, são horrorosas mentiras, repetidas mil vezes com descaramento inaudito. E não são os anarquistas os seus inimigos: só eles reivindicam, contra todos os autoritários, o respeito á vida e a evolução sem violência.

Todos os dias nos é anunciando que os dominantes empregam toda a espécie de violências contra os governados: ao mais ligeiro gesto de revolta, á mais singela reclamação, entram em acção todos os instrumentos de violência: exército, polícia, juizes, prisões. O pensamento livre manifestado em voz alta, a livre associação e a reunião são crimes; e só a custo de muitos esforços é que os governos, os dominantes são mantidos num relativo respeito.

E as guerras e confederações? E a paz armada? Mas isso é o mais evidente. Há muito mais. Toda a sociedade capitalista repousa sobre a autoridade; só a violência a faz funcionar. Em

quanto a terra poderia produzir para as necessidades de todos, em quanto imensas fortunas jazem inaproveitadas para o serviço dos homens (terras incultas, máquinas e casas, braços desocupados), em frente da riqueza latente incalculável, há fome, frio e ignorância; a anemia, a tuberculose, o alcoolismo arruinam a espécie; o trabalho nas minas, nas fábricas, nos campos é uma fadiga brutal; a alimentação é péssima e insuficiente e as casas acanhadas e escuras. A miséria tudo corrompe e contamina. E' como funciona (pacíficamente) este organismo (o social); é essa a famosa evolução pacífica!

A actual evolução, dentro da legalidade, não é pacífica; é violenta, violentíssima, causado diariamente milhares de vítimas, triturando a cada hora milhares de membros. E' uma evolução toda amassada em sangue e dor: chamar-lhe pacífica é um tremendo sarcasmo.

Por mais sangrenta que seja uma convulsão social, nunca produzirá tantas vítimas como as que a actual organização autoritária produz num só dia. Em face do óho por óho, dente por dente, todos os actos de revolta somados não compensam senão uma parte infinitesimal da violência praticada.

Mas não é necessário essa compensação. A vingança é absurda, a força só tem uma utilidade: a de destruir obstáculos ao livre desenvolvimento de organismos. A força revolucionária é como o bisturi do cirurgião: corta serenamente o que é indispensável cortar para dar saúde. Por isso é que somos pela resistência activa, pela força empregada conscientemente, implacável, mas serena, conquistando liberdades, e indo direita á supressão da autoridade, da evolução... pacífica, deixando o caminho livre a novas evoluções. Tudo mais é autoritarismo, contra-revolução, ódio gerador de ódio e de tirania, ou revolta inconsciente, facilmente iludida, contentada ou oprimida, e que os governos muitas vezes provocam para terem o pretexto de afogar em sangue as ideias que germinam, ao passo que tem um medo horrível do braço que sabe onde ferir, obrigando os pelo menos a fazer concessões, a reconhecer liberdades.

## Carta dum carrasco

Deibler, carrasco de Paris, enviou há anos ao director do diário *L'Action* a seguinte auto-defesa: «Senhor director:

«Mandaram-me dois números de *L'Action* (de 8 e de 12 de dezembro) nos quais o sr. Gustavo Téry me insulta grosseiramente, assim como aos meus dois ajudantes.

«O sr. Téry diz a propósito da execução de Potin: Não temos palavras para exprimir o assombro que sentimos ao ver que no século vinte existem três brutos tão miseráveis que consentam em fazer o infame officio de assassinos.

«Não me darei ao incômodo de rectificar o sr. Téry e de ensinar a esse professor de filosofia que deve atacar as instituições e não o homem. Se o sr. Téry não tivesse começado por me ultrajar teria tido o prazer de lhe significar que não sou partidário da pena de morte.

«Mas é preciso viver, não é assim? Desgraçadamente, o sr. Téry

esqueceu-se de que tenho direito ao mesmo respeito que se deve a todos os funcionários do Estado.

«Atingido na minha honra profissional, informo-vos de que apresentei contra o vosso colaborador uma querrela por difamação. Vosso afmo.—Deibler».

Téry respondeu assim: «Compreendo que haja homens que matem por fome, por loucura, por amor, por ódio; mas esse assassino chamado Deibler, que friamente, deliberadamente, metódicamente, vestido de negro, enluvado, com solenidade, com elegância como um pastor evangélico, decapita um ser humano, a quem não conheceu, a quem nunca viu e de quem nenhum mal recebeu, esse homem, digo, embora se chame funcionário do Estado, é para mim o último dos miseráveis.»

Se este excelente coração de algoz, inimigo da pena de morte, se limitasse a afirmar-nos que era obrigado a matar para viver, vamos. Poderiam objectar-lhe que há modos de viver menos nocivos, mas ele poderia ainda replicar que não pudera arranjar-se doutra forma.

Mas o bom verdugo julga e afirma, em sua defesa, que os seus actos nada significam e nenhuma influencia exercem sobre o ambiente, sendo inútil pô-los de acôrdo com as ideias; o que se deve modificar são as instituições... De modo que as instituições veem a ser qualquer coisa de abstracto, de impalpável, independente não só dos actos individuais, mas até das suas ideias. «Quem não obra como pensa», disse Guyau, não pensa completamente.» E a propaganda não se faz eficazmente sem o exemplo; palavras tem sedito muitas, etem-nas levado o vento. Quem ouve apenas palavreado, acaba por habituar-se a esse murmúrio de oração sem sentido e deixa correr o marfim. E «vivamos como de antes, que eles também assim fazem!»

Quando o mirífico executor da alta justiça em Paris, «atingido na sua honra profissional» (como a do militar consiste em dar a morte, com menos brilho e glória, verdade seja) afirma que tem direito ao mesmo respeito que se deve a todos os funcionários do Estado, não faz mais do que repetir o célebre lugar comum administrativo. O empregado é responsável: é a lei. O juiz diz igualmente: Eu cumpro, eu aplico a lei... O policia que vos acutila, informa-vos entretanto:—São ordens... E tudo está tão bem disposto, que se fordes perguntar a cada «funcionário» pelo maroto que fez certa marotaria, andais de porta em porta e no fim ficais convencidos de que foi... a lei (para a qual não meteste pregonhemestopa), ou as instituições... E ide quebrar-lhes a cara, ás instituições...

Sim, sabemos que não há responsabilidade moral, que a vontade é determinada; mas por isso mesmo pretendemos determinar a vontade no sentido de reagir contra o ambiente, de resistir ao meio que nos lesa a liberdade de agir — a unica existente, que nos força a proceder contra o nosso desejo. Queremos dar ao individuo o sentimento da sua participação nos factos.

Pôr as próprias ideias em prática do modo mais eficaz possível, fazer esforço nesse sentido — é a vida, a incessante realização.

A grande doença contemporânea é a baixaza. Não se tem a ousadia de desfilar bandeira, de entrar na linha em defesa das convicções próprias, e de harmonizar as acções com os sentimentos... Esta ausência de honestidade e de coragem viril não faz senão prolongar a vida á mentira e retardar o triunfo da verdade.

MAX NOBDAU.

## Utopistas

### o praticos

Não aos homens, mas ao regimen se deve atribuir a deploravel situação a que chegou a nacionalidade brasileira. Nada mais nos resta a concertar e conservar.

O Estado, essa ficção sedutora, mas falaz, já deu os frutos que poderia dar; como todas as criações artificiais do engenho humano, teve já o seu apogeu e atinge agora o termo final da decadência.

Sob qualquer das suas formas representativas, desde a Monarquia absoluta até á República, o que se sabe é está amplamente confirmado na História é que, á proporção que o poder dos governantes diminui, aumenta a liberdade dos governados, e quanto maior é o poder dos que governam tanto menor é a liberdade dos que os supremam.

Entre nós, neste momento, discute-se, entretanto, que é que mais nos convém—se um governo forte, ditatorial e despótico, se a diluição do poderio governamental instituída pelo parlamentarismo.

Uma e outra coisa já tivemos, como etapas vencidas pela nossa evolução, e os resultados respectivos estão na consciência, senão de toda a gente pelo menos dos que vivem alheios ás intrigas políticas, procurando no estudo e na meditação o remedio aos males que nos affligem. Ir do parlamentarismo monarchico á republica presidencial, voltar desta ao parlamentarismo, ainda mesmo com a republica federativa, é percorrer um circulo vicioso, é pretender que a sociedade pôde retrogradar, é imaginar que os fenômenos sociais só se podem produzir num meio unico, o Estado-Providencia.

A nossa constituição politica, dizem os fideiustas do presidencialismo, é a mais liberal das republicas, e teremos a mais liberal das republicas, o mais sábio dos governos occidentais.

O parlamentarismo, retrucam de toda a parte, é o unico regimen que nos convém, que está de acôrdo com a índole e a educação do nosso povo, com os nossos costumes e com as nossas tradições. Só o parlamentarismo, acrescentam, permite a existencia de partidos de opposição, cuja missão primordial é fiscalizar os actos do governo.

E entre estes dois limites oscilam as opiniões dos que ainda pensam reorganizar a sociedade em todos os ramos da actividade humana reorganizando o poder politico, ou, por outra, modificando a estrutura do Estado-Providencia, para eles a fonte unica de todas as forças sociais, o juiz supremo de todas as questões, origem de todo o bem, consolo dos áilitos, castigo dos máos, onnipotente, entidade que nas democracias substitue o Deus dos catholicos.

Mas, que é que se vê no mundo occidental?

Que é o que se passa nos paizes sujeitos aos dois regimens?

A mesma coisa, as mesmas queixas, a mesma iniquidade, o privilégio suplantando a iniciativa particular, o monopólio matando a livre concorrência, meia dúzia de posse da riqueza e das posições de mando, e a massa imensa dos unicos que trabalham, produzindo alimentos que não comem, confeccionando tecidos que não os abrigam do frio, construindo casas que não habitam.

A estes chamam-se classes proletarias, a quem se nega todos os direitos e a quem se prega que a pobreza é uma necessidade social, porque sem hierarquia não pôde haver estímulo ao trabalho; e a quem se diz que a republica lhes abre de par em par as portas a todas as ambições—á riqueza, ao fausto e até á propria curul presidencial.

E é um encanto ouvirem-se os hinos que os polticos, e os capitalistas e burgueses entoam para consolo da massa proletaria: «A ociosidade é a mãe de todos os vicios; a economia é a mãe da prosperidade; só pelo trabalho e pelo estudo o homem consegue elevar-se na sociedade».

Entretanto os que pregam o trabalho, como uma necessidade e como um prazer, a economia como uma virtude e o estudo como um gozo e um meio de galgar posições, não trabalham, não economizam e não estudam. Nasceem ricos, ou enriqueceram pela fraude e pela velacaria, explorando sempre o trabalho alheio. Subiram ás posições de mando pela subversão, pela intriga e pela tradição.

Economisar! Suprema ironia que se lança á face dos miseráveis oprimidos, Economisar, quando o magro salario mal dá, quando o ha, para matar a fome! Estudarl... Em que tempo poderá estudar quem trabalha 10, 12 e 14 horas por dia?

E a solução do problema social, isto é, a passagem do estado actual a uma situação

mais feliz, está na organização politica do Estado, dizem!

O nosso código politico é o mais sábio do Occidente; nele estão asseguradas todas as liberdades e garantias; para que o povo seja feliz, basta que se execute.

Constituições politicas garantindo direitos e liberdades, como se tais constituições pudessem ter sido decretadas, sem que esses direitos e liberdades já não houvessem sido conquistados pelo povo!

O regimen é bom, a Constituição, é sábia; os homens é que não prestam, proclamem-se abastardante.

Mas, como pôde ser bom um regimen que só faculta as posições de mando aos velhacos e intrigrantes? Como defender uma constituição que não impede o dominio politico sem contraste dos Pinheiros Machado, dos Jangotes, dos Azeredos, e que chegou a reduzir o paiz a uma tal desgraça que não ha uma só consciencia sá capaz de indicar, neste momento, um homem nas condições de assumir as redeas do governo e restabelecer a ordem no meio desse caos insondavel?

Não, não é na monarchia ou na republica, tampouco no presidencialismo ou no parlamentarismo que está a solução. O problema é essencialmente economico, e não são os governos que o hão de resolver.

A solução está na abolição da desigualdade social, na conquista da mais ampla liberdade o que as leis não podem garantir; na instituição do livre acôrdo, o trabalho tocando a todos e a todos pertencendo o produto do labor humano, que não pôde ser apropriado por nenhum. Mas, para isso, é preciso abolir o Estado e fazer reverter á comunidade os bens individualmente apropriados por meia dúzia de exploradores.

E, por certo, medidas tão radicais não podem descer de cima, como uma graça dos ricos e dos governantes. Como todas as conquistas sociais, é ao povo que compete resolver o problema deste momento historico, tomando pelas proprias mãos tudo aquilo que lhe pertence.

Mas isto é uma utopia, responder-nos-hão.

Sim, utopia tambem é a «aspiração de um governo constitucional nos paizes governados por monarchias absolutas; utopia eram os desejos d' liberdade do povo francez em 1789; utopia eram as esperanças dos servos antes de sua libertação; utopia era a Republica, entre nós, antes de 15 de novembro de 1889. E os acontecimentos encarregaram-se de demonstrar que tais utopias eram realidades palpaveis.

Mas, seja como fór, é sempre preferível ser utopista do que pertencer ao numero dos tais politicos que, parodiando Danton, podemos dizer, só agem movidos por interesses inconfessaveis.

(Rio de Janeiro)

Orlando Corrêa Lopes.

## FEDERAÇÃO ANARQUISTA DA REGIÃO DO NORTE

### Convite

Para se resolver um assunto de grande importancia não só para as agrupações anarquistas como para a propaganda, convidam-se todos os camaradas agrupados ou não, a reunirem hoje pelas 16 horas. A partida para o local combinado é da Praça da Batalha ás 15 horas em ponto. Espera-se que ninguém falte.

## A GUERRA

Todos sabem o que é a guerra. Ninguém ignora, por certo, quer por ter sentido os seus horrorosos e maléficos efeitos, quer ainda pela leitura comovente, e ás vezes algo fantazista, das tranquillas paginas ensanguentadas e angustiosas da historia, que a guerra sómente evidencia a mais perfeita materialização da bestialidade humana. Pois que, se assim não fosse, já mais seriamos obrigados a contemplar com desgosto e com a tristeza originada pela mais conflagrante dor que nos vrra o cérebro e esfaca a coração, os espectaculos bárbaros e ferinos que a nossa inteligencia não sabe, devidamente, classificar, e que põem em cheque todas as grandiosas e

sábias conquistas da Civilização e do Progreso.

A guerra é a perpetração do crime impune, do assassínio injustificado, da violação, do incendio, da miséria tolerada, imposta e glorificada por aquelles que, ainda ha pouco, se alucinavam de «humanitarios», de «puros e serios pacificadores das sociedades!»

Portanto, a guerra, á parte todas as estultas justificações apresentadas pelos loucos guerreiros profissionais, não representa mais do que a verdadeira manifestação do inveterado sentimento de rancorosa maldade que se recolhe em todos os peitos, resguardados por caras rebrilhantes dos senhores de mando; sentimento este que, por via de multiplas e varias causas se transmite, infelizmente, a uma grande maioria de súbditos daquelles vis e sanguinarios bandidos que dominam o Universo para sua completa accção e justificação.

A guerra é a maior atrocidade, o maior estermínio que provocar se pôde entre os filhos innocentes duma mesma Humanidade.

Porisso, tudo o que se disser para sua justa classificação, não passará de um frouxo e apagado reflexo das formidaveis carnificinas, das successivas hecatombes que nos malditos campos da batalha se rezolvem para o fatal e desejado atrazo da Civilização, para o retrocesso e novo predomínio da burguesia exploradora que já se vê em sérios embarços para contrapor uma cerrada e sólida defeza á implacavel e justiciera acuzação que a soffredora Humanidade lhe vem fazendo com confiada insistencia e destemido vigor.

E', pois, a guerra uma retrogada, jesuitica e funesta maneira de derimir questões entre maniacos e blindados imperadores; a qual, por contrária a todos os principios da Razão e do Sentimento, da Justiça e da Sciencia jamais deverá ser consentida sem o veemente protesto dos elementos revolucionarios que pugnam pela mais intima e completa emancipação dos que trabalham.

JOSE CORRÊA.

## Homenagem póstuma

Para Anselmo Lorenzo

Recomenda-me o meu medico — mais amigo e menos medico — que me furte o mais possível a esforços físicos e mentais para não aguar demasiado a curiosidade da tuberculose que, prazenteira me espia os passos, esperando momento propicio para se tornar minha amante inseparavel. Resignado, prometi acatar as prescrições do meu amigo. Sim, prometi, mas não pôsso segui-las á risca sem as transgredir. A culpa, porém, não é minha, mas dos factos; e quando estes a tanto obrigam, que vale a vida, farrapo que se desfaz em pó ao menor sopro da brisa? E depois não é a morte o complemento da vida? E' indiscutivelmente. Sem a morte a vida seria uma coisa horrorosa, supremamente aborrecida e dolorosa.

Mão amiga, envia-me, pelo correio, com a indicação de que a recortou do *Diario de Noticias*, esta local:

«O sr. presidente do ministerio mandou officiar a todas as camaras municipais, recomendando-lhes que supri a na designação das ruas e praças os nomes de individualidades estrangeiras que possam exprimir sentimentos politicos contrarios aos poderes constituídos de nações amigas.»

E, á guisa de recomendação, estas singelas palavras — **Lê e medita.**

Li e meditei; mas longe de mim a vaidade de sup-la o resultado de uma nota diplomatica ao estalar a conflagração europea; e mais longe de mim ainda a ideia de pusilâmines receios no governo do paiz.

Esta local, simples na forma e no fundo, não comporta ilacções que envolvam o menor desprimor para o povo português cioso, a mais não, da sua integridade e autonomia que o direito das gentes lhe assegura.

Que éla é subscriptada a Ferrer, não o nego; mas tambem afirmo que não é por temerosas imposições, mas antes como homenagem póstuma prestada ao martir de Montjuich, neste momento histo-

## Em tempo de Revolução Social

### Problemas futuros

Desejo chamar a atenção dos revolucionarios para um problema, para mim essencialissimo, que me parece ser muito desdenhado: o da alimentação pública, especialmente nas grandes cidades, em tempo de revolução e immediatamente depois.

Por muito tempo teve curso entre os subversivos, principalmente entre os anarquistas, este preconceito: que existiam superabundantemente os produtos tanto agricolas como industriais e que bastaria dividi-los equitativamente para que todos os tivessem em quantidade muito superior ás suas necessidades.

O faminto que vê os armazéns regorgitando de géneros alimentícios é naturalmente levado a supor que lá dentro há coisas em excesso, e não se lembra da quantidade de esfomeados e mal nutridos pelos quais deveriam repartir-se essas coisas, — e o agitador fentendo certamente que é um meio eficaz de propaganda pôr em contraste a miséria com a abundancia, as barrigas vazias e as costas nuas com os depósitos abarrotados de mercadorias não utilizadas.

Recordo-me de ter lido que, feita a revolução, poderia a gente estar anos sem trabalhar antes de consumir os produtos acumulados!!!

Ora é claro, que fazendo a revolução com semelhantes ideias, os revolucionarios adiriam para mais tarde a reorganização da produção, consumiriam e desperdiçariam sem medida... e iriam ao encontro duma catástrofe certa.

Porque a verdade é que a produção actual é regulada pelo poder de compra dos consumidores; e portanto os produtos que hoje parecem abundantes, quando a grande maioria mal consegue satisfazer as mais imperiosas necessidades mostram-se iam insufficientes desde que todos tivessem igual direito á satisfação das suas precisões. As reservas são escasas, visto que os proprietarios só deixam produzir aquilo que eles esperam vender a preço remunerador, mostrando assim que o pior mal do capitalismo não é tanto o obrigar os trabalhadores a sustentarem uma classe de parasitas como o criar uma penúria artificial, limitando a produção ao ponto em que os capitalistas calculam poder obter o maior lucro. Basta, com efeito, um ano ou dois de má colheita para haver perigo grave de morrer de fome, por insufficiencia real de subsistências, uma parte da população em alguma porção do globo.

Se a greve geral expropriadora, isto é, a revolução social, não há de continuar sendo um mito, se deveras a queremos fazer e desejamos que ela dê os resultados que esperamos, temos que tratar, ao fazer a revolução, de utilizar com a maior economia possível os produtos herdados da burguesia e de organizar logo o trabalho para levar a produção á altura das novas necessidades. (1)

Eu compreendo que alguns trabalhadores possam, numa luta contra um patrão ou uma linha de patrões, arrancar as vinhas, ou matar o gado, ou in-

rico para os povos do velho mundo, pelo governo da Republica portuguesa.

Ferrer, como é notório, era um internacionalista; e injusto seria que a *nossa patria amada e querida* lhe prestasse culto humilde e respeitoso, inscrevendo o nome do autor da *Escola Moderna* nas esquinas das ruas de cidades e vilas, aldeias e logarêjos, o que seria reprovado pelas gerações vindouras que anatemas e maldições lançariam sobre a memoria daquelles illustres e insensatos patriotas que, num momento de mal contido entusiasmo, arriscaram um nome subversivo a designar uma rua.

E', pois, logico o que o chefe

cendiar as searas maduras numa neaga de terra; mas seria certamente imperdoavel loucura num movimento geral aconselhar a destruição em grande escala da colheita e a matança do gado.

E' preciso que os trabalhadores em greve e em insurreição se lembrem de que, no dia seguinte ao da vitória, tudo será deles e de que não de prover a tudo. Deverão pois destruir apenas o que for necessário destruir para garantir a vitória, mas guardar zelosamente o que, durante e após a revolução, for preciso para garantir a vida de todos.

Assim, seria absurdo, tratando-se de revolução e não já de reclamar melhoramentos a certos patrões, uma greve geral rural que comportasse a recusa de semear a terra, ou de recolher os produtos, ou de tratar dos animais; porque, não se fazendo a colheita ou deixando-se morrer de fome o gado, não se poderia viver. Por conseguinte, a «greve rural» deveria ser, não uma verdadeira greve, mas a recusa de deixar que os patrões levem os frutos e a sequestração dos produtos que eles já tiverem assabarcado.

Será bom paralizar o serviço ferro viário para impedir que o governo transporte as tropas e que os burgueses façam o seu arranjo; mas seria imprudente, salvo casos de absoluta necessidade, fazer saltar as pontes ou causar outros estragos graves, que poderiam depois impedir o abastecimento das grandes cidades.

E seria sobretudo perigoso, mortal, destruir ou malbaratar as substâncias alimentares. (2)

(De Volontá.)

ENRICO MALATESTA.

(1) Naturalmente, será preciso abandonar nos primeiros tempos, além das indústrias e serviços inúteis e nocivos do capitalismo, os que não forem de primeira necessidade, concentrando-se todos os esforços e meios de produção (combustível, máquinas, matéria prima, sementes, etc.) nos trabalhos urgentes, sobretudo na alimentação. Os campos e a agricultura devem ser a maior preocupação.

(2) Estas considerações de Malatesta, publicadas meses antes dos acontecimentos de Junho, foram depois confirmadas por aquelles successos, como Volontá fez notar em varios artigos, entre os quais o que traduzimos para o nosso n.º 208. E' preciso reter nomeadamente esta lição: produzindo-se a greve geral expropriadora, urge que os trabalhadores retomem a produção por sua conta e para si, mantendo a greve apenas contra os burgueses e seus defensores. Será como que o alargamento das «cozinhas comunistas» das greves parciais.

Aprovando o procedimento dos anarquistas italianos, escrevia um camarada do *Réveil*, de Genebra: «Deixai circular os alimentos, diz-se aos insurrectos, não obsteis a que os aldeãos e trabalhadores da alimentação tragam e distribuam leite, pão, carne, legumes, aves, cereais. Abastecemos os hospitais e hospícios. Façamos a greve geral e desçamos á rua, em todas as profissões, mas tenha cada um garantida a sua ração. Protejamos mesmo, favoreçamos tudo o que se refere a subsistência. Assim, conservaremos intactas as sympathias dos pobres que não soffrerão com uma paragem do trabalho. Pelo contrario, exijamos que os armazéns de comestiveis, de géneros alimentícios, as mercearias, etc., permaneçam abertos. Vigiem os preços para que não haja alta. Atentemos em toda essa questão de pão; e até se um leiteiro ou padreiro fechar o seu estabelecimento, reabramos-lhe a porta. Alguem pagará. O que é preciso impedir não são os meios de existência do povo — é o tráfico da burguesia; o serviço dos bancos, as transações comerciais, os hotéis de luxo, em suma tudo o que constitui a vida dos privilegiados.»

do governo acaba de determinar. Semelhante medida além de prestar culto á memoria do fusilado nos fossos do castelo maldito, apaga da vista de admiradores e inimigos uma causa que poderia dar lugar, em determinados momentos, a sérios conflitos. E não fazia sentido o nome dum internacionalista venerado por patriotas.

Eu tenho aqui á mão um livro intitulado *Crengas e Revoltas*, devido á pena do cidadão Fernão Boto Machado, solicitador encartado na comarca de Lisboa e, actualmente, se a retentiva me não trai, ministro plenipotenciario da Republica Portuguesa jun-

to do governo, não me recorda de que republica sul americana.

Ora as paginas 430-431 dêste livro encontram-se os periodos que transcrevo:

*O que fez Ferrer?*  
*Senhor de uma fortuna, em vez de gosar, folgar, engordar como qualquer Rei-Ladrão feito tubo digestivo e odre de vícios, deu-se a amar a Humanidade, e a, pela instrução laica, fazer ascensionar os seus irmãos desprotegidos para o alto, para o melhor, para a perfeição.*  
*Atentado colossal á face da moral das monarchias!*

*Ferrer pretendeu instruir? educar? converter escravos em cidadãos? libertar cérebros e consciencias?*  
*A' morte! A' morte!*  
*Crucifige! Crucifige!*  
 Mas... o livro foi publicado no tempo da monarchia...

Que s. ex.ª, o chefe do governo me perdoe, mas, como admirador eterno de Ferrer e sua obra, curvo-me reverente e agradeço reconhecido a homenagem póstuma prestada aquêle que em vida, uma vez pelo menos, embora mentalmente, sua ex.ª abraçou quando a monarchia dos braganças não permitiu que Ferrer e Soledad Vilafranca se demorassem em Lisboa mais que 24 horas!

Permita, senhor, sem melindres de modestia ferida, que mais uma vez eu me declare eternamente reconhecido a V. Ex.ª pela consagração que acaba de tributar á memoria de Ferrer.

Comovidamente ergo-vos um altar em meu coração.

(Gulphares, 1914)

GIORDANO BRUNO

## AS CONSEQUENCIAS DA GUERRA

Juizos de um deputado hespanhol

Transcrevemos da República:

O deputado hespanhol D. Roberto Castrovido exprimiu á *Espania Nueva* a sua opinião acerca do actual conflito européo.

O illustre deputado republicano diz assim:

«Esta guerra, deduz-se uma triste verdade: a derrota do socialismo, em cuja força todos acreditavamos. A guerra não durará tão pouco como alguns creem, porque a luta não acabará agora com a tomada de Paris, visto que, embora occupada a capital, se iria fazendo a defeza cantão por cantão, povo por povo. Porém, termine ella cedo ou tarde, assim como nas guerras napolionicas succedeu em todo o seculo XIX o que poderíamos chamar periodo das revoluções politicas, assim nesta guerra succederá em todo o seculo XX o periodo das revoluções sociais.»

Por outro lado, favorecer-se-há o socialismo, porque se porão em relevo os horrores da guerra e se fará a crise das ideias fundamentais: Religião, Patria e Exercito.

O exercito proletario aumentará com os agora sem trabalho, pertencentes ás classes médias e liberais, entre as quais se eternizará a miseria.»

Entretanto, os reaccionarios esfregam as mãos de contentamento. Penda para onde pender a vitória, dizem elles, a vitória será em última análise das ideias conservadoras, do imperialismo e dos governos fortes. Os chacais regozijam-se impudentemente ante a carnificina, abastecimento dos seus banqueiros, cimento do seu dominio; mas talvez se enganem.

Há sem duvida o exemplo da guerra franco-alemã de 1870, causadora de um recuo das ideias liberais em geral e dos ideais e forças de emancipação operária em particular. Mas são outros os tempos e circunstancias, mesmo pondo de parte a hipótese do esmagamento do imperialismo germânico. A Comuna, hoje, poderia perfeitamente nascer em bem melhores condições...

Hoje, as ideias libertarias tem muito maior difusão; e por outro lado, a crise é muito mais geral, repentina e profunda do que em 1870. A guerra não se limita a dois paizes, mas alastra por um continente inteiro, repercutin-lo-se rápida e violentamente por todos os recantos do globo, tanto mais que aumentou muito em complexidade e sensibilidade o organismo das trocas e da produção. Os Estados sairão da luta exaustos e arruinados, os povos irritados e doloridos.

Em 1875, numa carta de que existe o rascunho truncado, Miguel

Bakunine, lamentando-se sobre os efeitos da guerra de 70, escreve a Elizeu Reclus estas palavras: «Resta outra esperança: a guerra universal. Esses imensos Estados militares não de acabar forçosamente por se destruir e devorar uns aos outros, mais tarde ou mais cedo. Mas que perspectival...»

Cumprir-se há a profecia apocaliptica do grande revolucionario? Nascerá sobre um monturo de cadáveres, victimas da organização burguesa, a flor encarnada da revolução social emancipadora?

Sim? o apocalipse bakuniniano parece que vai cumprir-se. E' o desmoronamento. E' o fim do mundo — pelo fogo.

O fim do mundo capitalista.

## O congresso de Londres

Segundo comunicação que nos foi enviada pelo nosso camarada V. Garcia, o comité organizador do congresso anarquista internacional resolveu, na sua reunião de 3 do corrente, e em virtude da conflagração europea, adiar o congresso para ocasião que oportunamente será anunciada. E' claro que todos os camaradas, atendendo á gravidade da situação não de dar-se por satisfeitos com o acordo tomado, justificado plenamente pela propria natureza das coisas.

A semana passada saíram duas parcelas erradas. Uma é a da subscrição que havia de ser 1758; outra a de Anastacio que era 204. Contudo a soma estava bem, conforme se pode verificar.

## A imprensa burguesa e a guerra

Na ancia febril dos dez reisonhos, perdão, do centavinho, a imprensa burguesa não se cança de forjar telegramas furibudados, exaltando o bravura, a coragem e a gloria daqueles que lhe caem mais no gôto...

E em meio dessa verdadeira mina, o que mais se salienta é o camaleão da rua Formosa — *O Seculo* — que, cheio dum patriotismo avinagrado, não está lá com meas medidas: vota palões e carapetões de todo o tamanho e feitio. Ora vejamos:

**Paris, 15** — Consta que o general alemão Daimling foi ferido na lingua com um bala.

Leram? E não acham piramidal? Com franqueza, um general ferido na lingua, e com uma bala, é dum parceiro ficar estarecido, quasi doido com tanta patranha... A não ser que o supracitado general tenha a lingua tam grande como a do Silva Graça e seus acólitos. Então já me calo... mas não gramo. Nestas coisas sou pessimista, ouviu, ó seu tramalógico? (Lisboa)

J.ão FERRÃO.

## Coisas historicas

**17 1913** — Em Paris ha grandes manifestações contra a lei dos 3 anos de serviço militar.

**18-1895** — Com o titulo, *A livre iniciativa*, publica-se em Rosario de Santa-Fé (Republica Argentina), o primeiro numero dum semanario anarquista.

**19-1868** — Na ilha de S. Domingos dá-se uma grande insurreição popular.

**20-1913** — Sai em Sifo (China) o primeiro numero de *A Voz do Povo*, semanario anarquista escrito em chinês e esperanto.

**21-1873** — Em Genebra (Suissa) inicia a sua publicação um semanario anarquista intitulado *O trabalho*.

**22-1912** — Por ordem do governo, são dissolvidos, em França, os sindicatos dos professores primarios.

**23-1728** — Acusado de desacato na igreja matriz de Montforte, é supliciado um mancoço de 17 anos chamado Luiz Rodrigues. A seita catolica ordenou que o amarrassem á cauda dum bueiro e o arrastassem até ao Rocío; depois cortaram-lhe as mãos e garrotas-m-no, em nome de deus, já se vê!...